

GABARITO PRELIMINAR / SELEÇÃO PÚBLICA DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO – TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE MINAS GERAIS – TJMG



ATENÇÃO: AS QUESTÕES, IDENTIFICADAS POR CONTEÚDO, FORAM EMBARALHADAS, ASSIM COMO AS OPÇÕES DE RESPOSTA. VOCÊ DEVERÁ VERIFICAR E CONFERIR AS QUESTÕES DA SUA PROVA E RELACIONÁ-LAS À RESPOSTA CORRETA DEVIDAMENTE ASSINALADA.

CURSO: PSICOLOGIA

CONHECIMENTOS BÁSICOS

LÍNGUA PORTUGUESA

01

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. *Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’*. *Nexo Jornal*, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Segundo o texto, a característica que melhor define a vida “on-life” é:

- Incapacidade de reconexão com a vida *offline*.
- Dificuldade de desconexão do universo digital.
- Interconexão do mundo virtual com o material.
- **Indissociabilidade entre os mundos *on* e *offline*. – QUESTÃO CORRETA**

02

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. *Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’*. *Nexo Jornal*, 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

De acordo com o texto, o surgimento da vida *on-life* se deu a partir da

- tentativa de fuga dos problemas do mundo real.
- **utilização indiscriminada das tecnologias digitais. – QUESTÃO CORRETA**
- divergência de condutas nos mundos real e virtual.
- instauração de um quadro de atenção fragmentada.

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Considerando as informações veiculadas no 3º parágrafo, é INCORRETO afirmar que:

- A desconexão com mundo virtual revela-se quase impossível.
- As tecnologias digitais desrespeitam a privacidade dos usuários.
- As fronteiras entre os mundos *on* e *offline* se apresentam tênues.
- A regulamentação das tecnologias digitais permanece ineficiente. – **QUESTÃO CORRETA**

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. *Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’*. *Nexo Jornal*, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

No enunciado “*Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, [...] (2º§), o termo destacado significa:*

- Culpar.
- **Difamar. – QUESTÃO CORRETA**
- Ludibriar.
- Admoestar.

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

A pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* afirma que estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa” (5º §). Segundo o texto, esse fenômeno é caracterizado, principalmente, pelo(a):

- Afrouxamento dos vínculos sociais.
- **Presença da solidão entre os jovens. – QUESTÃO CORRETA**
- Isolamento contínuo dos mais velhos.
- Incapacidade de fazer novas amizades.

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Assinale a alternativa cuja reescrita do trecho “Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas.” (1º§) manteve seu sentido original.

- Apesar de os seres humanos serem feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas.
 - Enquanto os seres humanos forem feitos de carne, sangue e interações sociais, ficará difícil administrar vidas tão distintas.
 - Ficaria difícil administrar vidas tão distintas, caso os seres humanos fossem feitos de carne, sangue e interações sociais.
 - Ficou difícil administrar vidas tão distintas, uma vez que os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais.
- QUESTÃO CORRETA**

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Análise os fragmentos a seguir.

- I. “Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular [...]” (4º§)
- II. “[...] uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras [...]” (3º§)
- III. “[...] precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa.” (5º§)
- IV. “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas.” (4º§)

Pode-se afirmar que há presença de linguagem conotativa em

- I, II, III e IV.
- I e III, apenas.
- II e IV, apenas. – QUESTÃO CORRETA
- II, III e IV, apenas.

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Antecipa uma informação no texto o pronome destacado em:

- “Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo [...]” (4º§) – QUESTÃO CORRETA
- “Mesmo que desliguemos os celulares, eles nos vigiam [...]” (3º§)
- “[...] nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade [...]” (2º§)
- “[...] preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto [...]” (1º§)

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’. Nexo Jornal, 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Embora o registro de linguagem predominante no texto seja o formal, há algumas passagens em que regras da norma culta escrita foram infringidas. Assinale a alternativa em que ocorre emprego INADEQUADO da pontuação.

- “Inquieta, ela indaga: ‘perdemos a capacidade de fazer amigos?’.” (5º§)
- “Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de [...]” (2º§)
- “Esse mundo ‘on-life’, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito [...]” (3º§) – **QUESTÃO CORRETA**
- “Pois é, a tal vida ‘on-life’ é uma vida dividida e, como estamos vendo, não [...]” (4º§)

Tudo junto e misturado: nossa vida “on-life”

As mídias sociais são o assunto do momento. Tomaram conta do debate público e preocupam corações e mentes dos cidadãos que têm alguma consciência do seu impacto em nosso cotidiano. Faz tempo que a vida *online* segue assim, “tudo junto e misturado”, com a *offline*. Como os seres humanos são feitos de carne, sangue e interações sociais, ficou difícil administrar vidas tão distintas. Daí que o cerne do problema é regular essa vida do lado das telas tal como fazemos do lado de cá, sob pena de não termos mais vida nenhuma, como nos mostram as notícias frequentes de ataques violentos à nossa existência.

Agora é hora – acho que até já passou da hora! – não apenas de focar na regulação das mídias, mas sobretudo de repensarmos a nossa relação com elas. Afinal de contas, demonizá-las não resolve nada, porque, ao fim e ao cabo, nós é quem fazemos as mídias sociais, elas são produto e reflexo da sociedade que somos e criamos. “Não há como conceber a sociedade do futuro sem tecnologia. Então, se não pode vencê-la, una-se a ela”, disse o sociólogo e filósofo *Zygmunt Bauman*. “É preciso ter determinadas qualidades se você deseja construir conhecimento e não agregá-lo: paciência, atenção e a habilidade de ocupar esse local estável, sólido, no mundo que está em constante movimento”.

Foi o filósofo da informação, o italiano Luciano Floridi, que cunhou o termo “*on-life*”, afirmando que o uso amplo e generalizado de diversas tecnologias digitais está turvando as fronteiras dos mundos *on* e *offline*, fazendo emergir uma terceira realidade. Esse mundo “*on-life*”, é constituído tanto pelo que acontece no âmbito material quanto no digital, revelando-se como uma esfera híbrida na qual ainda não sabemos nos movimentar. Desconectar-se desse universo ainda pouco conhecido tornou-se um dos grandes desafios da modernidade, porque percebemos que estamos conectados 100% do nosso dia. Mesmo que desliguemos os celulares, *tablets* e computadores, eles nos vigiam pelo toque, movimento e voz, sensíveis a tudo o que faz parte de nós, tal como o Grande Irmão de *George Orwell*. Assombrados por esse personagem tão simbólico, seguimos em busca de leis e manuais de sobrevivência que nos garantam uma vida sustentável.

Em uma de suas colunas, o advogado e colunista do jornal Folha de S. Paulo Ronaldo Lemos nos apresenta o problema com bastante clareza: “As mídias sociais e nosso celular funcionam como anestesia seletiva para as relações humanas. Queremos as partes boas do convívio, que são do nosso interesse, mas evitamos ao máximo atritos, conversas desconfortáveis, tédio etc. Sempre que algo desconfortável começa a se materializar, partimos para o mundo confortável e controlado do celular, que nos distrai do que é verdadeiramente humano”. Lemos chama esse fenômeno de “intimidade artificial”, atribuindo o conceito à psicoterapeuta *Esther Perel*. “Seu argumento é que estamos vivendo nossas vidas em permanente estado de atenção parcial. Quando nos relacionamos com nossos amigos, amantes ou familiares nunca estamos 100% presentes. Nossa atenção está sempre dividida entre as pessoas e o nosso celular, mídias sociais, alertas de mensagem e assim por diante. Nesse contexto não é possível intimidade real”. Pois é, a tal vida “*on-life*” é uma vida dividida e, como estamos vendo, não há plenitude possível nem lá e nem cá.

Precisamos nos perguntar porque precisamos dessa vida virtual para nos refugiarmos da nossa vida real. Porque ainda precisamos criar personagens fictícios para exibir uma vida que não é nossa. E quais são as razões pelas quais nos expressamos nas redes – o discurso de ódio online está aí para evidenciar isso – de uma maneira completamente diferente do que fazemos em casa, na escola, na vizinhança. Segundo a pesquisadora norte-americana *Sheila Liming* estamos vivendo uma “catástrofe silenciosa”, pois estudos recentes dão conta de que os jovens têm se sentido mais sozinhos do que os mais velhos (ela lembra que mesmo antes da pandemia 60 milhões de americanos já diziam sentirem-se solitários ou isolados socialmente). São mostras de que as novas configurações trazidas por esse universo híbrido nos apartam das interações com o outro, impactando profundamente os nossos laços comunitários. Inquieta, ela indaga: “perdemos a capacidade de fazer amigos?”. Está aí uma boa pergunta para começarmos a responder nas redes e fora delas, aqui e agora.

(ALVES, Januária Cristina. *Tudo junto e misturado: nossa vida ‘on-life’*. *Nexo Jornal*, 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/> Acesso em : 07/05/2024. Adaptado.)

Analise as posições dos pronomes destacados nos fragmentos a seguir.

- I. “eles nos vigiam” (3º§) / eles vigiam-nos
- II. “como nos mostram” (1º§) / como mostram-nos
- III. “[...] começa a se materializar [...]” (4º§) / começa a materializar-se
- IV. “Desconectar-se desse universo” (3º§) / Se desconectar desse universo

Considerando as regras de colocação pronominal da norma culta escrita, em qual(is) fragmento(s) a mudança de posição dos pronomes NÃO acarreta incorreção linguística?

- I.
- I e III. – QUESTÃO CORRETA
- II e IV.
- I, II e III.

CONHECIMENTOS DO CARGO

11

Um psicólogo experiente atendeu um adolescente que relatou estar sofrendo *bullying* na escola. Durante as sessões, esse adolescente confidenciou que pensava em fugir de casa devido à situação. O psicólogo está ciente da importância do sigilo profissional, mas também conhece seus limites éticos e legais. De acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, qual é a ação mais adequada que o psicólogo deverá tomar?

- Ignorar a declaração do adolescente sobre fugir de casa, pois não se trata de uma ameaça iminente de dano.
- Aconselhar o adolescente a confrontar os agressores por conta própria, mantendo a confidencialidade das sessões.
- Manter o sigilo absoluto sobre a confissão do adolescente, pois a confidencialidade é a base da relação terapêutica.
- **Comunicar aos pais do adolescente sobre o risco potencial, após tentar outras formas de intervenção, considerando o bem-estar do adolescente. – QUESTÃO CORRETA**

12

Considere o cenário hipotético: Lucas, um psicólogo clínico, atendeu Helena, que estava passando por um divórcio conturbado. Durante as sessões, Helena revelou que estava escondendo bens significativos para evitar que fossem incluídos na partilha. Lucas está ciente da importância do sigilo profissional para proteger a privacidade de Helena, mas também conhece os limites legais dessa confidencialidade. Considerando o Código de Ética Profissional do Psicólogo, entre as alternativas relacionadas, qual é a ação correta a ser adotada por Lucas?

- Manter o sigilo absoluto, pois a informação não representa um risco iminente para Helena ou terceiros.
- Informar ao cônjuge de Helena sobre a ocultação de bens, pois isso afeta a justiça do processo de divórcio.
- Reportar Helena às autoridades competentes, pois o psicólogo tem o dever de prevenir fraudes e ilegalidades.
- **Aconselhar Helena sobre as implicações legais de suas ações e encorajá-la a agir de acordo com a lei, mantendo o sigilo das informações. – QUESTÃO CORRETA**

13

Em um cenário hipotético, determinado hospital psiquiátrico foi denunciado por práticas inadequadas de tratamento aos pacientes. Durante a investigação, descobriu-se que o hospital não estava cumprindo com os princípios da Lei nº 10.216, que redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Com base na Lei nº 10.216, o hospital deverá

- manter os pacientes em isolamento para evitar a disseminação de transtornos mentais.
- priorizar o tratamento em regime de internação tanto quanto as alternativas extra-hospitalares eficazes.
- ter o direito de restringir o acesso dos pacientes aos meios de comunicação visando garantir a tranquilidade do ambiente terapêutico.
- **tratar os pacientes em ambiente terapêutico pelos meios menos invasivos possíveis, preferencialmente em serviços comunitários de saúde mental. – QUESTÃO CORRETA**

14

Sandoval é um paciente com transtorno bipolar que está em tratamento em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), um serviço substitutivo ao modelo hospitalar psiquiátrico. Recentemente, Carlos teve um episódio de mania, durante o qual ele expressou o desejo de interromper seu tratamento e viajar sem informar a família ou equipe de saúde. Com base na Lei nº 10.216, qual é a abordagem correta a ser adotada pela equipe do CAPS em relação à situação de Sandoval?

- Respeitar a autonomia de Sandoval e permitir que ele viaje sem intervenção, pois a lei garante a liberdade de locomoção.
- **Convocar uma reunião com a família de Sandoval e discutir um plano de ação, mantendo o respeito pela sua autonomia e bem-estar. – QUESTÃO CORRETA**
- Ignorar o episódio de mania, considerando-o uma manifestação normal do transtorno bipolar e não interferir em sua decisão de viajar.
- Internar Sandoval involuntariamente, já que ele está em um episódio de mania e pode representar um risco para si mesmo ou para outros.

15

Considere o caso hipotético: Ana, uma paciente judiciária com transtorno de ansiedade, está sob a supervisão do PAI-PJ após uma decisão judicial relacionada a um pequeno delito. O Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário (PAI-PJ) está avaliando a possibilidade de Ana realizar trabalho externo como parte de sua reabilitação. Considerando as disposições da Resolução nº 944/2020 do TJMG, qual é a abordagem correta para o caso de Ana?

- Encaminhar Ana para internação em uma unidade psiquiátrica, desconsiderando a possibilidade de trabalho externo.
- Permitir que Ana realize trabalho externo sem qualquer supervisão, pois a Resolução enfatiza a autonomia do paciente judiciário.
- Denegar a possibilidade de trabalho externo para Ana, já que ela cometeu um delito e deve permanecer sob vigilância constante.
- **Avaliar a condição clínica e social de Ana e, se apropriado, permitir o trabalho externo com acompanhamento e avaliação periódica. – QUESTÃO CORRETA**

16

Durante uma audiência de custódia, o juiz se depara com o caso de Pedro, um réu que apresenta claros sinais de sofrimento psíquico. O magistrado considera as disposições da Resolução nº 944/2020 do TJMG, que orienta sobre a estrutura e o funcionamento do Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário (PAI-PJ). O objetivo do PAI-PJ é assessorar a individualização da aplicação e da execução das medidas socioeducativas, penas e medidas de segurança, com base na Lei Federal nº 10.216/2001. Com base nesse contexto e nas alternativas que se seguem, qual é a decisão correta do juiz em relação a Pedro?

- **Encaminhar Pedro ao PAI-PJ para uma avaliação detalhada e acompanhamento clínico-social. – QUESTÃO CORRETA**
- Liberar Pedro sem medidas adicionais, pois a Resolução prioriza a autonomia e liberdade do paciente.
- Determinar a internação imediata de Pedro em uma unidade psiquiátrica, considerando o seu estado psíquico.
- Aplicar uma medida socioeducativa sem considerar o estado psíquico de Pedro, seguindo o procedimento padrão.

17

P tem 50 anos, é solteiro, mora com a mãe já idosa e com três irmãos. Sofre com delírios variados que o perturbam, deixando-o muito agitado e agressivo. A Equipe de Saúde da Família de sua região o considera um “paciente que não adere ao tratamento ambulatorial” e aguarda a marcação para avaliação no CAPS. Recentemente, P retornou de uma internação psiquiátrica; está agressivo novamente e não quer tomar a medicação e, ainda, não compareceu à consulta agendada para o psiquiatra após a internação. P afirma que está revoltado com a mãe por ter solicitado a sua internação e em uma das discussões a agride fisicamente, afirmando que “vai acabar com a vida dela”. Um dos irmãos aciona a polícia e P é preso em flagrante. Considerando a Resolução nº 487, de 15 de fevereiro de 2023, e o caso hipotético narrado, analise os princípios e diretrizes que regem o tratamento das pessoas com transtorno mental no âmbito da jurisdição penal, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

- () Respeito pela dignidade humana, singularidade e autonomia de cada pessoa.
- () Proscrição à prática de tortura, maus-tratos, tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.
- () Adoção de política antimanicomial na execução de medida de segurança.
- () Interesse caso seja possível ao tratamento em benefício à saúde, com vistas ao suporte e reabilitação psicossocial por meio da preservação social.

A sequência está correta em

- F, V, V, F.
- V, F, F, V.
- **V, V, V, F. – QUESTÃO CORRETA**
- F, V, F, F.

18

J, sexo masculino, 58 anos, paciente judiciário e psiquiátrico, foi preso ainda jovem por tráfico de drogas e envolvimento em crimes; sendo classificado como egresso de prisão de longa permanência, está preparando para finalizar sua pena e retorno à vida comunitária. J não tem filhos, sua mãe que era a única referência familiar faleceu há um ano, portanto, ele tem relatado ao Psicólogo da penitenciária que seu retorno à vida comunitária e social está atrelado a um grande vazio e uma imensa tristeza e que também, ao sair da prisão, estará em condição de morador de rua. De acordo com o caso-hipotético apresentado, fica evidente a demanda de intervenções em rede para que J tenha suporte social e comunitário ao retornar para casa. Dentre as normativas, encontra-se a Resolução nº 944/ 2020, que dispõe sobre o Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário (PAI-PJ). Sobre as atribuições desse Programa, analise as assertivas a seguir:

- I. Promover a articulação com os atores responsáveis pela gestão estadual e municipal da política pública em saúde mental, com o objetivo de acolhimento, em serviços residenciais terapêuticos, de pacientes judiciários, egressos da prisão/internação de longa permanência, que se encontram sem suporte social e laços familiares que viabilizem sua inserção social.
- II. Realizar ações e articulações institucionais, em parceria com a sociedade civil e as políticas públicas já existentes, que favoreçam a ampliação da rede de atenção ao paciente judiciário, no campo da assistência social e da saúde mental, em todo Estado, a fim de buscar a intersetorialidade necessária para a concretização e a garantia dos direitos humanos fundamentais ao paciente judiciário.
- III. Promover a divulgação e transmissão do que ensina a experiência do PAI-PJ quanto ao princípio da humanidade no tratamento jurisdicional, através de publicações e ações específicas promovidas pelo programa, visando à prevenção da sociedade e como medida de proteção.

Assinale a alternativa correta.

- Todas as assertivas estão corretas.
- Todas as assertivas estão incorretas.
- Apenas as assertivas I e II estão corretas. – QUESTÃO CORRETA
- Apenas as assertivas II e III estão corretas.

19

M, sexo feminino, 35 anos, foi apresentada em Audiência de Custódia, e ficou entendido que o caso de M enquadra-se na seguinte situação: “pessoa com indícios de transtorno mental ou qualquer forma de deficiência psicossocial identificados por equipe multidisciplinar qualificada, ouvidos o Ministério Público e a defesa” (Resolução nº 487, de 15 de fevereiro de 2023). No caso mencionado, caberá à autoridade judicial:

- Determinar a elaboração de relatório médico acompanhado, se for o caso, de informes dos demais profissionais de saúde do estabelecimento.
- Priorizar a adoção de medidas apontadas ao monitoramento eletrônico para pessoas com transtorno mental ou qualquer forma de deficiência psicossocial.
- Realizar medida de tratamento ambulatorial, priorizada em detrimento da medida de prevenção e será acompanhada pela equipe da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).
- Encaminhar para atendimento voluntário na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) voltado à proteção social em políticas e programas adequados, a partir de fluxos pré-estabelecidos com a rede. – QUESTÃO CORRETA

20

Considere o cenário hipotético: Ribamar, um indivíduo diagnosticado com transtorno delirante persistente, foi submetido a uma medida de segurança após um ato infracional. Com base na Resolução nº 944/2020 do TJMG e, ainda, considerando as práticas do PAI-PJ, que se opõem à presunção de periculosidade e favorecem a presunção de sociabilidade, qual é a conduta correta a ser adotada pelo juiz responsável pelo caso de Ribamar?

- Transferir Ribamar para o sistema prisional comum, pois a presunção de periculosidade prevalece sobre qualquer diagnóstico psiquiátrico.
- Manter Ribamar em regime de internação por tempo indeterminado, já que sua condição psiquiátrica implica uma alta probabilidade de reincidência.
- Desconsiderar a medida de segurança previamente imposta e liberar Ribamar imediatamente, assumindo que sua condição psiquiátrica não representa risco algum.
- Avaliar periodicamente a condição de Ribamar e considerar sua progressão para um regime menos restritivo, como a liberdade vigiada, em consonância com a evolução de seu tratamento. – QUESTÃO CORRETA

21

Durante uma avaliação psiquiátrica forense, foi determinado que Cleiton, acusado de um crime violento, apresentava transtornos mentais que poderiam influenciar seu comportamento. No entanto, não havia histórico de violência anterior ou evidências concretas de periculosidade. O promotor de justiça argumenta que, com base na presunção de periculosidade, Cleiton deve ser submetido a tratamento em regime fechado. Com base nos princípios do ato jurídico e da presunção de periculosidade e sociabilidade, assinale a alternativa correta.

- Cleiton deve ser submetido a tratamento em regime fechado, pois a presunção de periculosidade prevalece sobre a falta de histórico de violência.
- Cleiton deve ser submetido a tratamento em regime fechado, pois o ato jurídico da avaliação psiquiátrica forense determina a necessidade de isolamento.
- Cleiton não deve ser submetido a tratamento em regime fechado, pois a presunção de sociabilidade prioriza a integração social e a ausência de histórico de violência.
- Cleiton não deve ser submetido a tratamento em regime fechado, pois a presunção de periculosidade não pode ser aplicada sem evidências concretas de comportamento violento. – QUESTÃO CORRETA

22

O secretário de saúde de um dado município precisa apresentar um argumento convincente para a reutilização do espaço de um antigo hospital psiquiátrico para um centro cultural, de forma que, no contexto da política de saúde mental antimanicomial no Brasil, a qual visa à desinstitucionalização e integração social dos usuários de serviços de saúde mental, a cidade esteja alinhada com os princípios antimanicomiais e promova a saúde mental. Contudo, esse secretário enfrenta um desafio significativo diante da oposição de grupos que acreditam na manutenção do modelo asilar. Considerando a situação hipotética, assinale a ação mais adequada para sustentar corretamente o argumento do secretário.

- Vender o terreno do hospital para o setor privado, sem destinar recursos para a rede de atenção psicossocial.
- Transformar o hospital em um centro de detenção para indivíduos com transtornos mentais que cometeram delitos, reforçando a segregação.
- Insistir na manutenção do hospital psiquiátrico, alegando que a estrutura já existente é suficiente para atender às necessidades da população.
- Converter o hospital em um centro cultural multifuncional, que inclua atividades artísticas e espaços de convivência para usuários e não usuários dos serviços de saúde mental. – QUESTÃO CORRETA

23

A Reforma Psiquiátrica Brasileira, iniciada na década de 1980, propõe um modelo de atenção à saúde mental centrado na comunidade e na desinstitucionalização. Em um cenário hipotético, certa cidade brasileira está implementando uma política de articulação das Redes de Atenção Psicossocial (RAPS) para integrar os serviços de saúde mental com outros serviços sociais e de saúde. No entanto, enfrenta resistência de setores que defendem o modelo hospitalocêntrico tradicional. Considerando esse cenário, um gestor municipal propõe uma estratégia que promova a integração efetiva da RAPS, respeitando os princípios da Reforma Psiquiátrica e garantindo o direito à saúde mental da população. Dentre as afirmações, qual delas representa uma abordagem adequada?

- Manter o financiamento exclusivo para hospitais psiquiátricos, ignorando as recomendações da Reforma Psiquiátrica e focando na ampliação de leitos hospitalares.
- Promover campanhas de conscientização sobre saúde mental, incentivando a aceitação social dos serviços comunitários e a desestigmatização dos usuários da RAPS. – QUESTÃO CORRETA
- Criar parcerias público-privadas com foco na construção de novos hospitais psiquiátricos, desconsiderando as redes de atenção básica e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).
- Implementar um decreto municipal que feche todos os hospitais psiquiátricos imediatamente, transferindo todos os pacientes para serviços comunitários sem um plano de transição.

24

Com base na construção do caso clínico em saúde mental, reflita sobre os fragmentos de um caso na perspectiva da psicanálise, “Um sujeito procura um analista e lhe diz: ‘a partir de agora você tem uma missão; a missão que você tem é a de salvar-me a vida’. E acrescenta: Mas, quero que você saiba muito bem que encarno a força do mal”.

(Sinatra, 2008, p. 65).

“A partir da leitura, e a orientação psicanalítica, o caso trata-se de fragmentos de análise de um _____ que ilustram bem tudo o que está sendo dito. O sujeito coloca-se como _____ dos cuidados do _____, atribuindo-lhe uma missão. O _____, em tese, é responsável pelo que lhe acontecer.” Assinale a alternativa que completa correta e sequencialmente a afirmativa anterior.

- obsessivo / objeto / outro / analista
- histriônico / objeto / analista / outro
- perverso / objeto / analista / analista – QUESTÃO CORRETA
- histérico / sublime / terapeuta / terapeuta

Sobre a psicanálise e saúde mental, leia o texto a seguir:

O homem, quando é tomado por uma doença mental, não se transforma por isso em um animal pavloviano. Ao contrário: se ele adocece, é exatamente porque o homem não pode ser domesticado. Logo, uma reabilitação que renuncie ao tratamento no nível da comunicação e dos seus sintomas, será uma reabilitação impotente no nível da doença. A questão, pois, continua a ser colocada. Sobre quais estruturas podemos começar a agir no real do mal-estar psíquico? A propósito disso, *Lacan* recolheu um ensinamento subversivo, que vem de *Clérambault*, e que é capaz de explicar o fracasso do tratamento sintomático da psicose. Ele começou a fazer perguntas ao paciente e a desenvolver o tratamento diante dele e fazer clínica. Mas, perguntava para que o paciente pudesse se explicar. A partir desse método, ele pôde revelar que os sintomas não são outra coisa que os diferentes modos de adaptar-se a um rompimento com a realidade; de compensar o desencadeamento efetivo da psicose que, em idade, era muito anterior e havia passado despercebido tanto à família quanto aos médicos. E *Clérambault* dizia que era preciso reverter o edifício da psiquiatria, que era preciso recolocar o sintoma sobre a base do automatismo mental, ou seja, nesse efeito de rompimento da realidade. O fenômeno elementar é, de fato, a verdadeira doença. Os sintomas, estes se formam de modo gradual dependendo do sujeito, de sua cultura, seu gosto, suas circunstâncias; de acordo com cada sujeito.

(Curinga, dezembro de 2010)

A partir do texto anterior, analise as afirmativas a seguir sobre os sintomas na perspectiva psicanalítica.

- I. *Freud* insistia em dizer que o sintoma é sempre sobredeterminado, na medida em que está sempre diretamente ligado à ação do processo primário, sobretudo a condensação.
- II. Enquanto formação do inconsciente, o sintoma se constitui, com efeito, por sucessivas estratificações significantes. Nessa estratificação, a “seleção” dos significantes não obedece a qualquer princípio de escolha estável.
- III. As correlações que existem entre um sintoma e a identificação diagnóstica supõem a entrada em cena de uma cadeia de procedimentos intrapsíquicos e intersubjetivos, que dependem da dinâmica do inconsciente.

Está correto o que se afirma em

• I, II e III. – QUESTÃO CORRETA

- II, apenas.
- I e II, apenas.
- II e III, apenas.

Sobre a política de redução de danos, a Portaria nº 1.028, de 1º de julho de 2005, determina que as ações que visam à redução de danos sociais e à saúde, decorrentes do uso de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência, sejam reguladas por ela (BRASIL, Portaria nº 1.028, de 1º de julho 2005). Baseado na Portaria anterior, faça a leitura e uma análise do caso a seguir: F, sexo masculino 16 anos, morava com sua avó paterna desde que nasceu, mas, após a morte da mesma, há cinco anos, foi morar com sua mãe e seus irmãos maternos. Pai de F está preso por tráfico de drogas e não o vê por três anos. F faz malabarismos no semáforo e faz uso habitual de *crack* e cachaça. Já passou por internações prévias, a última foi de maneira compulsória em uma clínica. Após vinte dias, fugiu da internação e voltou a consumir *crack* e cachaça e retornou a fazer malabarismos no semáforo. F foi abordado por um programa de assistência social e encaminhado para serviço especializado de saúde mental; chegou a participar poucas vezes, mas tem ficado cada vez mais tempo no semáforo e aumentado o uso do *crack* e cachaça. A mãe de F faz acompanhamento psiquiátrico, parece não se importar muito com o fato do filho ficar na rua, parte do dinheiro que ele ganha no malabarismo é para ajudar em casa e o restante da despesa é feito com o auxílio bolsa família. Sobre a Política e Redução de Danos, respaldada pela Portaria nº 1.028, de 1º de julho de 2005, analise as afirmativas a seguir sobre os direitos das pessoas em uso abusivo de substâncias assim como descrito no caso.

- I. Em todas as ações de redução de danos, devem ser preservadas a identidade e a liberdade da decisão do usuário ou dependente ou pessoas tomadas como tais, sobre qualquer procedimento relacionado à prevenção, ao diagnóstico e ao tratamento.
- II. Definir que as ações de redução de danos devem ser desenvolvidas em todos os espaços de interesse público em que ocorra ou possa ocorrer o consumo de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência, ou para onde se reportem os seus usuários.
- III. Estabelecer que as ações de redução de danos devem ser desenvolvidas em consonância com a promoção dos direitos humanos, tendo especialmente em conta o respeito à diversidade dos usuários ou dependentes de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência.

Está correto o que se afirma em

• I, II e III. – QUESTÃO CORRETA

- II, apenas.
- I e III, apenas.
- II e III, apenas.

27

J chega mais uma vez ao acolhimento da Unidade Básica de Saúde (UBS) Vila do Céu com falta de ar; ela é moradora de rua e usuária de crack, vive com seu marido alcoólatra e passou a frequentar a UBS quase diariamente após a ACS e a enfermeira terem ido visitá-los embaixo do viaduto. A equipe foi notificada pela vigilância epidemiológica, pois ambos passaram no pronto-socorro e tiveram exames de escarro positivos para tuberculose.

(Chiaverini, 2011 p. 124)

Sobre a situação hipotética, o profissional atuante na rede de serviços públicos ou privado tem como uma das ferramentas legislativas de trabalho a Portaria nº 1.028, de 1º de julho de 2005, que determina ações a serem realizadas na Política de Redução de Danos. Sobre as ações necessárias na oferta de assistência social e à saúde, quando requeridas pelo usuário ou pelo dependente, marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas.

- () O tratamento à dependência causada por produtos, substâncias ou drogas é uma das ações necessárias na oferta de assistência social e a saúde.
- () O diagnóstico da infecção pelo HIV e o tratamento da infecção pelo HIV e da AIDS não estão dentre as ações necessárias na oferta de assistência social e saúde.
- () A imunização, o diagnóstico e o tratamento das hepatites virais não são obrigações das ações necessárias na oferta de assistência social e saúde.
- () O diagnóstico e o tratamento das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) está dentre as ações necessárias na oferta de assistência social e a saúde.

A sequência está correta em

• V, F, F, V. – **QUESTÃO CORRETA**

• F, V, F, V.

• V, V, F, F.

• F, F, V, V.

28

“Drogas são drogas e ponto final. Todas elas alteram nossa percepção sensorial e, em consequência, a forma de ver o mundo. Esta relação das drogas com cada pessoa é única. Droga é uma coisa e o efeito dela é algo absolutamente pessoal. Busca-se, portanto, algo entre a pessoa e a droga. Este algo é único e individual e reflete exatamente a história da pessoa com os efeitos da droga. Então, como cada um tem sua própria história, a relação dessa história com a droga também será uma história própria. Por causa disso, uns usam drogas apenas uma vez e não gostam, outros conseguem usar por muitos anos e não se tornam dependentes e outros não conseguem mais parar de usar depois da primeira experiência, tornando-se um usuário dependente.”

(Gerivaldo Neiva, 2014)

Considerando sobre o texto anterior, é correto afirmar que de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) droga é:

- Qualquer substância ilícita, introduzida no organismo, que pode ou não alterar as funções executivas e cognitivas do indivíduo.
- Algumas substâncias que causam dependências e que transforma uma ou mais das suas funções, cognitivas e sociais do sujeito.
- **Toda a substância que, introduzida no organismo vivo, transforma uma ou mais das suas funções, independentemente de ser lícita ou ilícita. – QUESTÃO CORRETA**
- Substâncias lícitas e ilícitas que causam dependência e abstinência, e que são introduzidas no organismo vivo, podendo ou não alterar as funções executivas.

29

“Nos primeiros tempos de vida, o bebê comunica-se com o mundo através de uma linguagem corporal, como os choros, esperneios, caretas, vômitos, diarreia, se a mãe consegue decodificar as mensagens emitidas por essa linguagem primitiva, vai se formando um clima de entendimento recíproco, o qual propicia a formação de núcleos de “confiança básica” no *Self* da criancinha, abrindo caminho para a formação de símbolos, logo, da “palavra” e do discurso verbal.

(Zimmerman, 1999, P.126)

O texto anterior, refere-se a importância da linguagem e da comunicação desde o nascimento da criança, considerando que; em caso contrário, fica prejudicada a capacidade para a _____, de modo que, no _____, o verbo possa restar a serviço de uma _____, por meio de ambiguidade, engodos, mentiras e a criação de um _____. Assinale a alternativa que completa correta e sequencialmente o enunciado anterior.

• interação social / futuro adulto / má-comunicação / repertório confusional

• **comunicação verbal / futuro adulto / não-comunicação / estado confusional – QUESTÃO CORRETA**

• comunicação verbal / momento interacional / má-comunicação / estado confusional

• interação social / momento interacional / não-comunicação / repertório confusional

As articulações e as investigações sobre a linguagem se encontram na base e na origem da prática psicanalítica de *Sigmund Freud*. De fato, *Freud*, por sua descoberta clínica e teórica, pode ser visto como aquele que acelerou a teoria da linguística e as indagações sobre a estrutura do discurso. No entanto, seu ensino, desde os primórdios, focou sobre a questão da palavra e de seus efeitos na formação do sintoma, nos estratos do aparelho psíquico, no próprio inconsciente e na constituição do sujeito.

(Machado, 2011 p. 271).

Considerando o texto anterior, analise a citação a seguir: “A psicanálise não é nada mais do que um exercício de linguagem. Todos os psicanalistas, finalmente concordam implícita ou explicitamente com isso, embora se sinta com estranheza que alguns deles resistem a reconhecê-lo. Resistência cujas próprias forças é proporcional à evidência dos fatos. Como evitar, então, uma conexão entre linguagem e inconsciente? E como dispensar o encontro entre linguística e psicanálise?”

(Machado 2011 apud Arrivé 1999, p. 23).

Sobre o Inconsciente na visão de Freud, é INCORRETO afirmar que:

- Funcionalmente, o inconsciente opera segundo as leis do “processo primário” e, além das pulsões do id, esse sistema também opera muitas funções do ego, bem como do superego.
- Do ponto de vista topográfico, o inconsciente, como instância psíquica, virtualmente coincide com o id, o qual é considerado o polo psicobiológico da personalidade, fundamentalmente constituído pelas pulsões.
- O inconsciente também consiste em um depósito de “repressões secundárias”, as quais chegaram a emergir sob forma disfarçada no consciente (como nos sonhos ou sintomas) e voltam a ser reprimidas para o inconsciente.
- O inconsciente pode ser considerado um sistema; ele designa a parte menos arcaica do pré-consciente, onde, por meio da socialização, surgem as pulsões e quando elas emergem nos sistemas do inconsciente e pré-consciente, elas são consideradas como “repressões primárias”. – QUESTÃO CORRETA